

## SEDUÇÃO NAS HIGHLANDS

MAYA BANKS

SEDUÇÃO  
NAS HIGHLANDS

Tradução de  
ANA CUNHA RIBEIRO



BERTRAND EDITORA

Lisboa 2014

## CAPÍTULO 1

Alaric McCabe contemplava a vastidão das terras do seu clã e debatia-se com a indecisão que o consumia. Inspirou o ar frio e olhou para o céu. Naquele dia não iria nevar. Mas em breve nevaria. O outono instalara-se nas Highlands. Os dias eram mais frios e curtos.

Após muitos anos de luta para garantir a subsistência do clã, o seu irmão Ewan conseguira grandes progressos restituindo os McCabe à sua anterior glória. Naquele inverno, o clã não passaria fome e as crianças teriam roupas decentes.

Chegara a hora de Alaric dar o seu contributo. Em breve, partiria rumo à propriedade dos McDonald, onde iria pedir formalmente a mão de Rionna em casamento.

Era uma mera formalidade. O acordo fora selado há semanas. Agora, o velho *laird* queria que Alaric passasse algum tempo com os McDonald, que viriam a ser o seu clã logo que desposasse a filha e única herdeira de McDonald.

Naquele momento, o pátio fervilhava de atividade, enquanto um contingente de soldados McCabe se preparava para fazer a viagem com Alaric.

Ewan, o seu irmão mais velho e *laird* do clã McCabe, queria enviar os homens da sua máxima confiança para o acompanharem na viagem, mas Alaric rejeitara. Era perigoso para Mairin, a mulher de Ewan, que se encontrava em avançado estado de gravidez.

Enquanto Duncan Cameron vivesse, constituía uma ameaça para os McCabe. Invejava tudo o que pertencia a Ewan — a sua mulher e o controlo eventual de Neamh Álainn, um legado que recebera através do casamento com Mairin, filha do antigo rei da Escócia.

E como a paz nas Highlands era frágil e Duncan Cameron ameaçava não só os clãs da vizinhança mas também o trono do próprio rei David, Alaric concordara com o casamento porque iria cimentar a aliança entre os McCabe e o único clã cujas terras se situavam entre as deles e Neamh Álainn.

Era um bom casamento. Rionna McDonald era atraente, embora fosse uma rapariga estranha, que preferia as roupas e as tarefas dos homens às das mulheres. E Alaric conseguiria o que nunca teria se permanecesse sob o comando de Ewan. Um clã para dirigir. As suas terras. O seu herdeiro receberia o manto da liderança.

Porque não estava ansioso por montar o seu cavalo e cavalgar o seu destino?

Voltou-se quando ouviu um ruído à sua esquerda. Mairin McCabe subia a colina apressadamente ou, pelo menos, esforçava-se, e Cormac, o guarda designado para a acompanhar naquele dia, parecia exasperado e seguia no seu encalço. Trazia o xaile bem apertado à sua volta e os seus lábios tremiam de frio.

Alaric estendeu-lhe a mão, ela agarrou-a e apoiou-se nele para tentar recuperar o fôlego.

— Não devias estar aqui em cima, rapariga — repreendeu-a. — Vais morrer de frio.

— Pois não, não devia — concordou Cormac. — Se o nosso *laird* descobre, vai ficar zangado.

Mairin revirou os olhos e olhou para Alaric, ansiosa.

— Tens tudo o que precisas para a viagem?

Alaric sorriu.

— Tenho, sim. Gertie mandou-me comida suficiente para uma viagem duas vezes mais longa.

Com os olhos inquietos, ora lhe apertava a mão ora lhe dava palmadinhas, ao mesmo tempo que lhe acariciava a barriga proeminente com a mão livre. Ele puxou-a para si, para que ela sentisse o calor do seu corpo.

— Não seria melhor esperares mais um dia? É quase meio-dia. Talvez devesses partir amanhã ao romper do dia.

Alaric conteve um sorriso. A sua partida não agradava a Mairin. Estava habituada a ter o clã onde gostava. Nas terras dos McCabe.

Agora que Alaric estava prestes a partir, manifestava cada vez mais a sua preocupação e insatisfação.

— Não vou estar fora muito tempo, Mairin — disse-lhe ele, com ternura. — Umhas semanas, no máximo. Depois, regresso durante uns tempos, antes de o casamento se realizar e de me mudar definitivamente para o castelo dos McDonald.

Os lábios dela curvaram-se para baixo, numa expressão de tristeza, quando se lembrou de que Alaric iria deixar os McCabe e que, para todos os efeitos, se tornaria um McDonald.

— Não fiques assim, rapariga, que não faz bem ao bebé. E estares ao frio também não.

Ela suspirou e abraçou-o. Ele deu um passo atrás e olhou divertido para Cormac por cima da cabeça dela. A rapariga estava cada vez mais emotiva com a gravidez e os membros do clã já se tinham habituado às suas manifestações espontâneas de afeto.

— Vou ter saudades tuas, Alaric. E sei que Ewan também vai. Ele não diz nada, mas anda mais calado.

— Eu também vou ter saudades tuas — afirmou Alaric, solenemente. — Fica tranquila que vou estar aqui quando fizeres a entrega do McCabe mais novo.

O rosto dela iluminou-se, recuou e acariciou-lhe o rosto.

— Sê bom para Rionna, Alaric. Eu sei que tu e Ewan acham que ela precisa de uma mão firme, mas penso que precisa acima de tudo de amor e de aceitação.

Alaric sentiu-se incomodado, intimidado por ela querer discutir com ele assuntos relacionados com o amor. Por amor de Deus.

Ela riu-se.

— Está bem. Já vi que te deixei desconfortável. Mas toma atenção ao que te digo.

— Minha senhora, o *laird* localizou-a e não parece satisfeito — disse Cormac.

Alaric virou-se e viu Ewan no pátio, de braços cruzados e ar carancudo.

— Vamos, Mairin — disse Alaric, pegando-lhe na mão. — É melhor eu levar-te ao meu irmão antes que ele venha atrás de ti.

Mairin resmungou entre dentes mas permitiu que o cunhado a acompanhasse colina abaixo.

Quando chegaram ao pátio, Ewan fitou-a, mas dirigiu a atenção para o irmão.

— Tens tudo o que precisas?

Alaric anuiu.

Caelen, o mais novo dos irmãos McCabe, veio colocar-se ao lado de Ewan.

— Tens a certeza de que não queres que te acompanhe?

— Fazes falta aqui — disse Alaric. — Sobretudo com o aproximar do fim do tempo de Mairin. Não tarda, estão aí as neves do inverno. E Duncan é homem para lançar um ataque quando menos o esperamos.

Mairin estremeceu mais uma vez ao lado de Alaric, que se voltou para ela.

— Dá-me um abraço, irmã, e vai para a torre de menagem antes que morras de frio. Os meus homens estão prontos e eu não te quero ver chorar quando partirmos.

Como seria de esperar, Mairin fez uma careta e voltou a lançar os braços à volta de Alaric, abraçando-o com força.

— Que Deus te acompanhe — sussurrou-lhe.

Alaric afagou-lhe o cabelo com ternura e empurrou-a para a torre de menagem. Ewan reforçou a ordem de Alaric com uma carranca.

Mairin pôs a língua de fora e virou-se, e Cormac acompanhou-a até às escadas da torre.

— Se precisares de mim, manda uma mensagem — disse Ewan.  
— Eu vou imediatamente.

Alaric agarrou o braço do irmão e os dois fitaram-se por um longo momento até Alaric o largar. Caelen deu uma palmada nas costas do irmão quando montou o cavalo.

— Isto é bom para ti — disse-lhe, com sinceridade, depois de o irmão ter montado.

Alaric fitou o irmão e sentiu a primeira onda de satisfação.

— É, sim.

Respirou fundo e agarrou as rédeas com mais força. As suas terras. O seu clã. Ia ser *laird*. Sim, era uma coisa boa.

Alaric e uma dúzia de soldados dos McCabe cavalgaram a um ritmo constante ao longo do dia. Porque tinham partido tarde e a viagem demorava normalmente um dia, só chegariam às terras dos McDonald na manhã seguinte.

Por isso, Alaric não pressionou os seus homens e ordenou-lhes que parassem e montassem acampamento logo depois do crepúsculo. Fizeram uma fogueira e mantiveram o fogo baixo para não iluminarem uma grande área.

Depois de terem comido as provisões que Gertie tinha preparado para a viagem, Alaric dividiu os seus homens em dois grupos e indicou o que faria o primeiro turno de vigia. O grupo distribuiu-se à volta do acampamento, permitindo que os outros pudessem deitar-se e descansar algumas horas.

Apesar de estar destacado para o segundo turno, Alaric não conseguia dormir. Permaneceu acordado no chão duro, a olhar para o céu estrelado. Estava uma noite límpida e fria. O vento soprava de norte e anunciava mudança de tempo.

Casado. Com Rionna McDonald. Fez um esforço, mas muito dificilmente conseguia lembrar-se da rapariga. Apenas conseguia lembrar-se do seu cabelo dourado e vibrante. Era calada, teoricamente uma boa característica para uma mulher, apesar de Mairin não ser particularmente calada nem obediente. E, no entanto, ele achava-a encantadora e sabia que Ewan não mudaria nada nela.

Mas Mairin era tudo o que uma mulher devia ser. Afável e doce. E Rionna era masculina na forma de vestir e na postura. Não era feia, por isso, o seu interesse por atividades absolutamente inadequadas para uma senhora era intrigante.

Era algo que ele tinha de resolver rapidamente.

Uma ligeira perturbação no ar fê-lo atirar-se para o lado. Uma espada apanhou-lhe a ilharga, penetrando-lhe na roupa e na carne.

A dor queimava-lhe o corpo, mas ele ignorou-a, pegou na espada e levantou-se. Os seus homens acordaram e o ar encheu-se com os sons da refrega.

Alaric lutava contra dois homens e o ruído do choque das espadas feria-lhe os ouvidos. À medida que digladiava e investia, as mãos tremiam-lhe com a repetição dos golpes.

Viu-se forçado a recuar para o perímetro definido pelos seus homens e quase tropeçou num dos soldados que colocara de vigia. Tinha uma seta espetada no peito, que denunciava que a emboscada fora bem preparada.

A desvantagem era enorme e, embora Alaric conduzisse os seus homens contra tudo e contra todos e a qualquer hora, certo de qual seria o resultado, a única alternativa que lhe restava era bater em retirada antes de serem chacinados. Não havia qualquer hipótese de vencer aquela luta de seis contra um.

Gritou aos seus homens que montassem os cavalos. Livrou-se do homem que tinha à frente e procurou chegar ao seu cavalo. O sangue jorrava-lhe do ferimento. O cheiro acre erguia-se no ar frio e atingia-lhe as narinas. A visão começava a toldar-se e ele soube que, se não conseguisse montar, estava acabado.

Assobiou e o seu cavalo aproximou-se no preciso momento em que outro guerreiro investia sobre Alaric. Enfraquecido pela perda de sangue, lutava sem a disciplina que Ewan lhe instilara. Corria riscos. Era imprudente. Lutava pela vida.

Com um rugido, o seu opositor atirou-se para a frente. Segurando a espada com as duas mãos, Alaric virou-se e golpeou-o no pescoço, decapitando-o.

Não perdeu tempo a saborear a vitória. Já estava outro homem a atacá-lo. Com o que lhe restava das forças, subiu para o cavalo e deu ordem para fugirem.

À medida que o cavalo galopava, ele conseguiu ver o contorno dos corpos e, com uma sensação de derrota, reconheceu que não eram inimigos. Tinha perdido a maior parte dos seus homens no ataque, senão a totalidade.

— Para casa — ordenou com voz rouca.

Agarrou-se à ilharga e esforçou-se com bravura para não perder a consciência, mas a cada solavanco do cavalo, enquanto cobria a distância, a visão de Alaric turvava-se.

O seu último pensamento foi que tinha de chegar a casa para avisar Ewan. Esperava sinceramente que o castelo não tivesse sido atacado.

## CAPÍTULO 2

Keeley McDonald levantou-se antes do amanhecer, acendeu o lume e preparou-se para o dia. Estava a meio do caminho entre a pilha de lenha que se encontrava atrás da casa e a porta de entrada quando se apercebeu de que era ridículo imaginar que tinha um dia cheio de tarefas e atividades.

Quando contornou a casa e fitou o vale, que se estendia até à montanha distante, deteve-se. O fumo insinuava-se da torre de menagem dos McDonald e das casas que a circundavam e flutuava ociosamente para o céu.

Até que ponto era justo que lhe tivesse sido oferecida uma vista privilegiada sobre o único sítio onde nunca seria bem-vinda? O seu lar. O seu clã. Que já não era. Tinham-lhe virado as costas. Não a reconheciam como elemento da família. Era proscrita.

Era aquele o seu castigo? Ser relegada para uma casa onde era constantemente lembrada do lugar onde nascera, suficientemente perto para o contemplar mas impedida de regressar.

Supunha que devia estar grata por ter um sítio onde viver. Podia ter sido pior. Podia ter sido forçada a abandonar a sua casa sem ter para onde ir, sem outro recurso que não fosse fazer-se à vida por sua conta e risco.

Mordeu os lábios e curvou o lábio superior num esgar.

Debater-se com tais questões era um teste à sua bondade. Só lhe trazia amargura e raiva. Não podia fazer nada. Não podia alterar o passado. Apenas lamentava não ter sido capaz de lutar por justiça junto do filho da mãe do McDonald, por tudo o que ele lhe fizera.

E a mulher dele. Ela sabia a verdade. Keeley vira-o nos seus olhos, mas a senhora do castelo punira-a pelos pecados do marido.

Catriona McDonald morrera há quatro anos, mas Rionna não a chamara. A sua maior amiga, a amiga mais querida da sua infância, não a resgatara. Não a chamara de volta a casa. E se havia alguém que sabia a verdade era ela.

Keeley suspirou. Era uma estupidez ficar para ali a debater-se com as mágoas do passado e as esperanças destroçadas. Fora idiota em pensar que, com a morte da mãe de Rionna, pudesse ser acolhida de volta pelo clã.

O resfolegar de um cavalo fê-la voltar-se e deixou cair o braçado de lenha. O cavalo aproximou-se e parou ao lado de Keeley. O suor brilhava-lhe no pescoço e havia uma turbulência nos seus olhos que indiciava que tinha apanhado um susto. Mas os olhos de Keeley estavam cravados no guerreiro que se encontrava caído sobre a sela e no sangue que não parava de escorrer para o chão.

Antes que ela tivesse tempo de reagir, o homem caiu no chão com estrondo. Meu Deus. Aquilo tinha doído de certeza.

O cavalo desviou-se para o lado e deixou o cavaleiro estatelado aos pés de Keeley. Ela baixou-se e levantou-lhe a túnica, à procura da fonte de onde jorrava o sangue. O tecido tinha um rasgão enorme de lado e ela susteve a respiração quando afastou os farrapos. O cavaleiro tinha um corte desde a cintura até à axila. A carne estava aberta e a ferida tinha pelo menos dois centímetros de profundidade. Felizmente que não era mais profunda, senão teria sido um golpe mortal. Ia precisar de agulha e linha e de muitas orações para que ele não sucumbisse à febre.

Passou-lhe a mão pela barriga firme, ansiosa. Era um guerreiro forte, seco de carnes mas bastante musculado. Tinha mais cicatrizes, uma na barriga e outra no ombro. Eram mais antigas e nenhuma era tão grave como aquele ferimento.

Como ia levá-lo para dentro de casa? Olhou para trás, para a porta, mordendo o lábio com força. Era um homem enorme, demasiado grande para uma rapariga do seu tamanho. Teria de ter destreza para resolver aquele dilema. Levantou-se e precipitou-se para dentro de casa. Tirou o lençol da cama e enrolou-o nos braços. Correu para a rua e deixou o tecido desfraldar-se ao vento. Demorou

a estender o lençol e teve de colocar pedras nas pontas para que não voasse.

Quando terminou, foi para o outro lado do soldado e empurrou-o para cima do lençol. Parecia que estava a empurrar um pedregulho. Cerrou os dentes e fez mais força. Ele mexeu-se ligeiramente mas permaneceu na mesma posição.

— Acorda e ajuda-me! — ordenou-lhe, frustrada. — Não te posso deixar aqui ao frio. É provável que vá chover e ainda estás a sangrar. Não dás valor à tua vida?

Cutucou-o para dar mais ênfase às palavras e, como ele não se mexeu, deu-lhe uma estalada na cara. Ele agitou-se e franziu a testa. Soltou um grunhido que quase a atirou para a segurança de casa. Ela fez uma careta e debruçou-se mais, para ele ouvir.

— Tu és teimoso, mas vais perceber que eu sou mais. Não vais ganhar esta batalha, soldado. É melhor que te rendas já e que me ajudes.

— Vai-te embora — rosnou-lhe, sem nunca abrir os olhos. — Não te vou ajudar a levar-me para o inferno.

— É para lá que vais, se não paras de te fazer difícil. Agora, mexe-te.

Para sua surpresa, ele resmungou, mas rebolou quando o empurrou.

— Eu sempre soube que havia mulheres no inferno — refilou. — Faz sentido que lá estejam a causar as mesmas dificuldades que causam na terra.

— Estou seriamente tentada a deixar-te a apodrecer ao frio — resmungou Keeley. — És um desgraçado e um ingrato e a opinião que tens das mulheres é tão lamentável como as tuas maneiras. Não admira que as aches repulsivas. Tenho a certeza de que nunca te aproximaste o suficiente de uma mulher para mudares de opinião.

Para seu espanto, o guerreiro riu-se e logo a seguir gemeu, com a dor que lhe provocou. Uma parte da irritação de Keeley cedeu quando viu o seu rosto empalidecer e o suor a acumular-se na testa. Estava em sofrimento e ela estava a lutar contra ele. Abanou a cabeça, pegou nas pontas do lençol e passou-as por cima dos ombros.

— Dá-me forças, meu Deus — suplicou. — Sem a tua ajuda não tenho hipótese de o arrastar para dentro de casa.

Comprimiu os lábios, cerrou os dentes e puxou com toda a força. Mas foi puxada para trás e quase caiu. O guerreiro não cedeu um centímetro.

— Bem, Deus não te deu a força que pediste — murmurou. — Se calhar só satisfaz pedidos razoáveis.

Ela encarou o problema que tinha à frente e olhou para o cavalo do guerreiro, que pastava afastado. Com um suspiro de enfado, aproximou-se do cavalo e pegou-lhe nas rédeas. De início, o animal recusou mexer-se, mas ela bateu o pé, aliciou-o, puxou e implorou ao animal que lhe fizesse a vontade.

— Onde está a tua lealdade? — acusou-o. — O teu dono está estendido no chão gravemente ferido e tu só pensas em comer?

O cavalo não parecia impressionado com o discurso, mas acabou por trotar na direção do guerreiro caído. Baixou o focinho para roçar a nuca do dono, mas Keeley afastou-o. Se conseguisse prender as pontas do lençol à sela, conseguiria puxá-lo para dentro de casa. Não tinha vontade de ter um animal sujo e malcheiroso lá dentro, mas naquele momento não via outra alternativa.

Demorou alguns minutos até ficar satisfeita com o plano que concebera. Depois de ter prendido o lençol e de estar relativamente segura de que o guerreiro não iria rebolar, incitou o cavalo a seguir para casa.

Ficou maravilhada quando o plano funcionou. O cavalo arrastou o soldado pelo chão. Ia demorar uma semana a tirar a sujidade do lençol, mas o homem estava a ser transportado.

O cavalo entrou em casa. Mal sobrava espaço para se mexer à volta do animal e do soldado. Os dois enchiam o interior da casa.

Apressou-se a desatar as pontas do lençol e tratou de mandar o cavalo de volta pelo caminho por onde viera. Mas o animal decidira que preferia o interior da casa, onde estava mais calor. Demorou meia hora até conseguir que o cavalo casmurro se mexesse. Quando o conseguiu pôr na rua, onde devia estar, bateu a porta e encostou-se pesadamente contra ela. Para a próxima tinha de se lembrar de que as boas ações muitas vezes não são recompensadas.

Estava verdadeiramente exausta pelo esforço que fizera, mas o seu guerreiro precisava de cuidados para sobreviver. O seu guerreiro? Bufou. Provavelmente era mais a sua dor de cabeça. Não havia

necessidade de alimentar pensamentos idiotas e fantasias. Se ele morresse, o mais provável era que a culpassem.

Depois de o ter observado melhor tornou-se evidente que não era um McDonald. Não que lhes devesse lealdade, mas era uma McDonald e, como tal, os inimigos deles também eram seus. Estaria ela a salvar a vida de um homem que constituía uma ameaça para si?

— Lá estás tu mais uma vez, Keeley — murmurou.

As suas divagações tendiam com frequência e de forma dramática para o absurdo. As histórias que desenvolvia na cabeça faziam um bardo parecer aborrecido.

As cores dele não lhe eram familiares, mas na verdade ela nunca tinha saído das terras dos McDonald.

Sabia que não o conseguiria levar para a cama, por isso, fez o melhor que podia. Levou a cama até ele. Dispôs cobertores e almofadas à sua volta, para que ficasse confortável, e meteu mais lenha na fogueira que esmorecia. A sala estava a arrefecer.

Depois, foi buscar os seus apetrechos e deu graças a Deus por ter ido há alguns dias à aldeia vizinha reabastecer as suas parcas reservas. A maior parte das coisas de que precisava era ela própria quem as apanhava. E graças ao bom Deus que tinha poderes curativos especiais, que foi o que a sustentou nos últimos anos.

Apesar de a terem expulsado do clã, os McDonald não hesitavam em procurá-la quando alguém precisava de tratamento. Era frequente coser um guerreiro McDonald na sequência de incidentes ocorridos no treino ou alguma cabeça partida após uma queda nas escadas. No castelo dos McDonald havia uma curandeira, mas estava a envelhecer e já não tinha a mão firme para dar pontos. Dizia-se que, quando usava a agulha, fazia mais mal do que bem.

Se fosse mesquinha, Keeley voltar-lhes-ia as costas como lhe tinham feito. Porém, o dinheiro que recebia pontualmente pelos serviços punha-lhe comida na mesa quando a caça escasseava e permitia-lhe comprar suprimentos que não podia apanhar.

Misturou ervas, esmagou folhas e adicionou a água necessária para obter uma pomada. Quando ficou satisfeita com a consistência, colocou-a de parte e começou a preparar ligaduras feitas de um pano velho de linho que guardava para as emergências. Depois de ter

tudo pronto, voltou para junto do guerreiro e ajoelhou-se ao seu lado. Desde que o arrastara para casa, ele ainda não recuperara a consciência. Ficou grata por isso. A última coisa de que precisava era de um homem com o dobro do seu tamanho tornar-se combativo.

Molhou um pano numa bacia com água e começou a limpar a ferida com cuidado. Quando afastou a pele seca e a crosta, a ferida sangrou. Foi meticulosa na sua tarefa, não queria deixar entrar na ferida um único grão de pó quando a fechasse. A ferida era profunda e deixaria uma cicatriz enorme, mas, se não tivesse febre, não devia morrer.

Satisfeita com a limpeza do ferimento, uniu a pele e pegou na agulha. Susteve a respiração quando espetou a agulha pela primeira vez, mas o guerreiro continuava a dormir e foi cosendo a ferida rapidamente, garantindo que os pontos ficavam bem fechados e próximos.

Trabalhou debruçada sobre ele até as costas lhe doerem e a tensão lhe turvar a visão. Estimava que a ferida tivesse uns quinze centímetros de comprimento. Talvez vinte. Nos próximos dias, iria sentir dores sempre que se mexesse. Quando deu o último ponto, recostou-se para trás e suspirou de alívio. A parte mais difícil chegara ao fim. Agora tinha de fazer o curativo e de pôr tudo no sítio.

Quando acabou de coser o guerreiro estava exausta. Afastou o cabelo dos olhos, foi lavar-se e esticar os membros doridos. Estava demasiado calor lá dentro e acolheu com satisfação a brisa fresca do exterior. Desceu até ao riacho borbulhante que corria nas proximidades de casa e ajoelhou-se na margem para recolher água nas mãos.

Encheu uma bacia com água e voltou para casa. Lavou mais uma vez a ferida, antes de aplicar a pomada espessa na carne suturada. Fez várias dobras no tecido para obter uma ligadura grossa que lhe colocou na ilharga e cortou tiras mais compridas para lhe enrolar à volta da cintura para a prender.

Se o conseguisse sentar, a tarefa tornar-se-ia mais fácil. Decidiu que não havia motivo para não o conseguir sentar, puxou-o pela cabeça e colocou todo o seu corpo atrás dele puxando-o para cima. Ele dobrou-se para a frente e jorrou sangue por entre os pontos. Ela atou-lhe as tiras rapidamente em torno da linha média do corpo até

tudo ter ficado na posição que desejava. Ajudou-o a deitar-se de costas no chão, com cuidado, para que a cabeça repousasse numa das almofadas. Afagou-lhe as sobrancelhas e passou os dedos pela trança que lhe caía na têmpora.

Atraída pela sua beleza, passou-lhe os dedos pelas maçãs do rosto e desceu até à mandíbula. Era realmente um homem belo. Bem constituído e elegante. Um guerreiro forte aperfeiçoado nas fogueiras da batalha. Interrogou-se sobre qual seria a cor dos olhos. Azuis, especulou. Com aquele cabelo escuro, uns olhos azuis seriam hipnotizantes, mas o mais provável era serem castanhos.

Como se tivesse decidido dar uma resposta à pergunta que ela não exteriorizara, as pestanas dele abriram-se. O seu olhar era vago, mas ela ficou hipnotizada pela íris verde-clara rodeada por pestanas escuras que só aumentavam a sua beleza.

Beleza. Tinha de pensar numa palavra melhor. Ele ficaria ofendido de morte se uma mulher lhe dissesse que era bonito. Elegante. Sim. Mas elegante não descrevia nem de longe o guerreiro.

— Um anjo — balbuciou ele. — Devo estar no céu. É a única explicação para uma beleza assim.

Ela sentiu uma pontada de prazer, mas lembrou-se de que há pouco ele a tinha associado ao inferno. Com um suspiro, acariciou-lhe o queixo por barbear. Os pelos arranharam-lhe a mão e, por um instante, pensou em qual seria a sensação produzida noutras partes do seu corpo. Corou de imediato e afastou aqueles pensamentos pecaminosos da mente.

— Não, guerreiro. Não chegaste ao céu. Ainda pertences a este mundo, apesar de talvez sentires que foste possuído pelo fogo do inferno.

— Um anjo como tu não pode habitar as entranhas do inferno — disse ele, com a voz arrastada.

Ela sorriu e acariciou-lhe o rosto uma vez mais. Ele virou-se e aconchegou-se na sua mão, fechou os olhos e uma expressão de prazer apoderou-se das suas feições.

— Dorme, guerreiro — sussurrou ela. — Deus sabe que tens uma longa recuperação à tua frente.

— Não me podes abandonar, rapariga — murmurou ele.

— Não, guerreiro. Não te vou abandonar.

### CAPÍTULO 3

Alaric sentia uma dor ardente na ilharga, que aumentava a cada segundo que estava consciente. Era tão forte que se mexia e mudava de posição, procurando aliviar a dor insuportável.

— Sossega, guerreiro, ou os pontos rebentam.

A voz doce como o mel era acompanhada por mãos suaves que lhe escaldavam a pele já quente. A temperatura era quase insuportável e, no entanto, ele ficou quieto, sem querer que o seu anjo parasse de lhe tocar. Era o único prazer que sentia.

Porque hesitava entre o fogo do inferno e os prazeres daquele anjo doce, não sabia. Talvez se encontrasse entre os dois mundos e ainda não tivesse decidido em que direção seguiria.

— Sede — disse, com voz rouca.

Passou a língua pelos lábios gretados que ansiavam pela água como um bálsamo.

— Sim, mas pouca. Não quero que vomites — replicou o anjo.

Ela passou-lhe o braço por baixo do pescoço e levantou-lhe a cabeça. Sentia-se envergonhado por estar tão indefeso como um gatinho recém-nascido. Não conseguia manter-se direito sem a ajuda da sua mão firme.

Sentiu o rebordo de um copo contra os lábios e bebeu com tal sofreguidão que quase sorvia a água fresca. Foi um choque para o organismo, era tão fresca e revigorante que o seu corpo foi percorrido por um arrepio. O contraste era quase doloroso. O gelo na fogueira que lhe queimava a pele.

— Pronto — disse o anjo, suavemente. — Já chega. Sei que estás a sofrer. Vou preparar uma tisana para as dores que te vai ajudar a dormir.

Mas ele não queria dormir. Queria ficar ali nos seus braços, aninhado no seu peito. Era um peito bonito. Confortável e opulento, como devia ser o peito de uma mulher. Virou-se e aconchegou-se. Inalou o seu aroma doce e sentiu o fogo do inferno a afastar-se. Foi envolvido pela paz. Ah. Certamente, ia a caminho do céu.

— Diz-me o teu nome — ordenou.

Os anjos teriam nome?

— Keeley, guerreiro. Chamo-me Keeley. Agora, sossega. Tens de descansar para recuperar as forças. Não me esforcei desta maneira para seres irresponsável e morreres.

Não, ele não ia morrer. Havia coisas importantes que tinha de fazer, apesar de, naquele momento, a sua cabeça ferida não se conseguir lembrar do que era tão urgente. Talvez ela tivesse razão. Devia descansar um pouco. Mais tarde, quando acordasse, talvez se lembrasse das coisas como devia.

Inspirou profundamente mais uma vez e deixou-se relaxar. Apercebeu-se vagamente de que o seu anjo lhe baixou a cabeça. Inspirou outra vez para absorver o seu perfume. Era como beber o vinho mais doce. Um formigueiro quente e apaziguador percorreu-lhe as veias e embalou-o. Parou de lutar. O seu anjo não o deixaria morrer.

— Não, guerreiro. Não te deixo morrer.

Uns lábios suaves roçaram-lhe o sobrolho e demoraram-se na sua frente. Ele virou o rosto, queria sentir a boca dela na sua. Pensou que podia morrer se ela não o beijasse. Depois de uma hesitação, que lhe pareceu uma eternidade, a boca dela tocou finalmente na sua. Um gesto simples, inocente, que podia ser o de uma criança.

Ele rugiu do fundo da garganta. Ele não queria um simples beijo.

— Beija-me, anjo.

Mais do que ouvir, ele sentiu a voz da sua exasperação, a sua respiração contida e, finalmente, o ar quente na sua boca. Conseguia cheirá-la. Sentia-a vibrar contra ele. A pequena lufada de ar assinalava a sua proximidade. Estava tão próxima. Precisou de toda a energia, mas esticou o braço, enterrou-lhe a mão no cabelo e segurou-a

pela nuca para que não ela fugisse. Levantou a cabeça e os seus lábios encontraram-se num beijo quente e asfixiante.

Meu Deus, como era doce. O seu sabor encheu-lhe a boca e percorreu-lhe a língua como se fosse mel suave. Pressionou-lhe os lábios, impaciente, exigindo que se abrissem para ele. Suspirando, ela deu-lhe o que ele queria. Os seus lábios abriram-se e ele mergulhou, sondando e saboreando cada recanto da boca dela.

Sim, estava no céu. Porque se aquilo fosse o inferno, não haveria um homem em toda a Escócia que pudesse escolher o caminho do bem. Sem forças, deixou-se cair para trás e a sua cabeça bateu contra a almofada com um ruído surdo.

— Abusaste de ti, guerreiro — repreendeu-o.

— Valeu a pena — sussurrou.

Pareceu-lhe que ela sorrisa, mas via tudo tão desfocado à sua volta que não conseguia ter a certeza. Teve a sensação de que ela se ia embora, mas não teve força para protestar. Daí a pouco ela regressou e voltou a levar-lhe o copo aos lábios.

A bebida era amarga e ele mostrou desgosto, mas ela não cedeu. Ver-teu-lhe o líquido para dentro da boca e não lhe deixou outra alternativa senão engolir ou engasgar-se. Quando acabou, deitou-lhe a cabeça de novo sobre a almofada e acariciou-lhe o sobrolho.

— Agora dorme, guerreiro.

— Fica ao pé de mim, anjo. Não tenho tantas dores quando estás perto.

Sentiu-se um ligeiro restolhar e ela encostou-se ao lado que não estava magoado. O seu corpo era tão suave e tão quente como se fosse um escudo contra o frio que se apoderava dele a cada minuto que passava.

Foi envolvido pelo seu perfume. Senti-la contra si apaziguava-lhe o fogo selvagem. Sim, ela era o anjo doce que o viera proteger dos portões do inferno. Para que ela não pensasse que o podia abandonar, envolveu-a com o braço e puxou-a para mais perto de si. Virou a cara para o lado até o cabelo dela lhe fazer cócegas no nariz. Inspirou fundo e cedeu à escuridão que tomava conta dele.